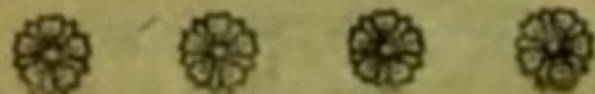


EDITOR-PROPRIETARIO

João Martins de Athayde

Historia de
DIMAS o Bom Ladrão



João B

EDITOR-PROPRIETARIO

JOÃO MARTINS DE ATHAYDE

Historia de Dimas, o Bom Ladrão

TRATO da biografia de Dimas o bom Ladrão, de se fazer assassino qual foi sua precisão como morreu e salvou-se, teve de Deus o perdão.

Era filho dum ourives que havia em Jerusalem; moço versado nas letras e bom ourives, tambem graças a seu pai honrado, que lhe desejava o bem.

Era obediente aos pais aos velhos respeitava, acariciava as crianças aos mortos enterrava naquela alma de Deus caridade não faltava.

Porem quando ele contava dezoito anos de idade, morreu seu pai de repente foi uma fatalidade Dimas pranteou-lhe a morte, chorou que fez piedade.

Chorando exclamava ele :
---não há mais prazer comigo,
foi procurar um pedreiro
que lhe fizesse um jazigo
para sepultar seu pai,
seu idolatrado amigo.

Cento e cinquenta obulos
foi mais ou menos a quantia,
que o pedreiro pediu ;
e por menos não fazia
Dimas não fez duvida alguma,
até por mais lhe servia.

Justou a obra e voltou
chorando se lastimava,
sua tristeza era tanta
que ninguém o consolava,
tristeza não era esta,
outra maior lhe esperava...

Junto ao leito mortuario
onde o morto jazia,
estavam cinco pessoas
confiscando o que havia
naquela pobrissima casa,
que o ourives possuia.

Vireram tres fariseus
um centurião e um malzim,
Dimas com a tal surpresa
entrou perguntando assim :
---que fazem na minha casa,
estão atacando a mim ?

--Te engenas--disse o mais velho--
repare o que estees dizendo,
eu estou embargando os bens
é só o que estou fazendo
de conformidade a lei,
teu pai morreu me devendo.

--Meu pai jamais te responde
como sabes já morreu,
desta divida que reclamas
ele nunca disse a eu
juro por Deus de Abrahão,
como tal não sucedeu,

--Nunca mente um fariseu
de barbas branca e honrado,
que ante o santissimo altar
sempre leal tem se prostrado
estão ai as testimunha
do documento passado.

Desde já te asseguro--
acrescenta o credor,--
que tudo quanto possues
ainda não tem valor
que pague a terceira parte,
do que me és devedor.

Dimas desorientou-se
ficou todo atordado,
com a surpresa sentiu
seu coração traspasado
para comover o velho,
não tinha um plano acertado.

As testemunhas firmaram tudo que o velho ditava, o Malsim continuou saqueando que encontrava sem se importar com as lagrimas, que o pobre moço chorava.

---Pois bem---disse Dimas-- levem o meu herario e meu leito, levem tudo não oponho sou moço, forte e perfeito. se fizerem um favor, ficarei bem satisfeito.

Me emprestem duzentos obulos para o enterro é bastante, disse o velho: Deus me livre vae procurar mais adiante tú não tem com que me pague, quantia tão importante.

Disse Dimas: se fizeres este especial favor, trabalharei toda vida p'ra ti se preciso for respondeu o velho: não posso tú não és merecedor.

---Vendam a mim como escravo o que quer mais que faça? disse o velho: um fariseu não vende um de sua raça vai chorar tuas miserias, que o pobre com nada passa.

—Vacila bem no que diz
disse Dimas impaciente,
o velho cismado disse:

—queres brigar certamente?
respondeu Dimas; não
estou lhe avisando somente.

—Eu desprezo teus avisos
disse o velho interesseiro,
disse Dimas: se eu exijo
este pequeno dinheiro
é para enterrar meu pai
já estou devendo ao padeiro.

—Os pobres vão para a vala
não precisam sepultura,
—infame!— gritou Dimas
e pegou-o na abertura—
tú hoje também te enterra,
avarento sem ventura.

Nisso o velho gritou:
--me acudam antes que morra,
as testemunhas acudiram
e disseram a Dimas: não corra
prenderam o pobre moço,
botaram em uma masmorra.

Ficou Dimas na prisão
de todos desamparado.
ele não se lastimava
por se vê encarcerado
só lastimava seu pai,
não ter sido sepultado.

Chorava qual creancinha
na tal prisão asquerosa,
jamais passava as caricias
de sua mãe estremosa,
nadava em um mar de luto,
quem teve a vida de rosa.

Porem tudo tem seu fim
é uma realidade
Dimas acalmou seu pranto
com toda serenidade
sonhava ansiosamente,
com a sua liberdade.

Tres mezes esteve encerrado
naquela prisão tristonha,
no fim dos quaes lhe cederam
a liberdade risonha
alegria que ele teve
qualquer pessoa suponha.

Solto seguiu para casa
sem ainda ter sabido,
que o corpo de seu pai
passou seis dias detido
depois exposto na vala,
igual a um desvalido.

Dimas ouviu tudo isso
sem apresentar mudança,
mas no coração crescia-lhe
a mais horrenda vingança
do bem estar desta vida,
perdeu toda a esperança.

Na tarde do mesmo dia
vagou em Jerusalém,
pelas ruas sem destino
sem dizer nada a ninguém
as quatro da madrugada,
já estava muito alem.

Estava na cidade baixa
que era muito habitada,
Dimas cansado sem força
sem poder dar uma passada
encostou-se em uma porta,
a qual estava fechada.

De onde ele estava, viu
conheceu pelos sinais,
uma loja de ferragem
com muitas facas e punhaes
ele prestou atenção,
ficou contente demais.

Depois que viu bem as facas
e reparou-as bastante,
agradou-se d'um punhal
era um ferro interessante
então perguntou o preço
daquela obra importante.

---Custa tres circulos de prata---
lhe respondeu o armeiro,
pegou no ferro dizendo
é de aço verdadeiro
lhe disse Dimas: não compro
porque não tenho dinheiro.

Disse o armeiro; liado
eu se vender tú me enganas,
disse Dimas; se confias
por duas ou três semanas
antes da lua ser nova,
dou vinte onças romanas.

Era vinte vezes mais
do que o punhal valia,
porem com tudo o armeiro
lhe disse que não cedia
--sabe que não te conheço
só dando uma garantia.

--Dou a lembrança que tenho
do meu pai já falecido,
de quem pretendo vingar
um agravo cometido
por ele eu juro que pago
no tempo já referido.

--Se és homem de palavra
confio em tua lembrança,
foi lhe entregando o punhal
com certa desconfiança,
porem Dimas lhe falava,
com toda perseverança.

--Quero te dizer meu nome
para ficares lembrado,
meu nome é Dimas, algum dia
o verás bem memorado
por todas as doze tribus,
será immortalizado.

Dizendo isto, seguiu
 pelas ruas da cidade,
 passou em uma certa rua
 ali por felicidade
 achou umas frutas comeu-as
 que saciou a vontade.

Nisso empunhou o ferro
 e um grande golpe vibrou,
 no tronco de uma arvore
 com facilidade entrou
 murmurou; que boa tempera,
 nem a ponta se entortou.

É capaz de traspassar
 aquele rico avarento,
 que arrejou meu pai na vala
 para servir de alimento,
 não há de haver mais quem dê,
 remedio a meu sentimento.

Três dias depois acharam
 o corpo dum anciao,
 com um golpe na garganta
 e outro no coração
 e um bilhete na lista,
 dando esta informação.

Dizendo «vinguei meu pai
 matando este fariseu;
 e juro como persigo
 a qualquer parente seu
 até a quinta geração,
 será inimigo meu».

Cometido o atentado
do assassino primeiro,
retirou-se para os montes
temendo ser prisioneiro
ali a fome obrigou,
Dimas furtar um carneiro.

De noite se retirava
das brenhas aonde assistia,
atacava os passageiros
bem pouca caça trazia
era por necessidade,
que a fome lhe oferecia.

Mas o tempo ia passando
sem duvida havia de chegar,
a vez da lua ser nova
Dimas havia de pagar
as vinte onças romanas,
que prometeu não faltar.

Por seu pai tinha jurado
era santo o juramento,
porem não tinha um real
para o tal pagamento
que até ali os seus roubos,
não lhe davam rendimento.

Disse; ladrão por ladrão
convem roubar prata e ouro,
porque quem rouba um pombo
se houver tempo rouba um touro
e tem o mesmo descredito,
de quem rouba um tezouro.

Com essa resolução
destemida e infiel,
desprezou a propria vida
tornou-se um lobo cruel
chegou ser senhor dos bosques,
e o temor de Israel.

No centro da Palestina
nesse mesmo tempo havia,
certo grupo de ladrões
com espantosa ouzadia
que atacava os passageiros,
as vezes mesmo de dia.

Eram os samaritanos
as feras mais asquerosas,
a quem roubavam, matavam
com afrontas dolorosas
constantemente se davam,
as cenas mais horrorosas.

Os soldados de Herodes eram uns homens tiranos, porém cercavam debalde os ladrões samaritanos e sempre viviam logrados, todos perdiam seus planos.

Esses ladrões assistiam no cume do monte Hebal, lá tinha uma fortaleza ou um castelo, era um lugar solitário, d'uma altura colossal.

Só mesmo as vezes pouzavam naquela infeliz morada, de pedras enegrecidas, cada qual mais escarpada não se encontrava vestigio de saída nem entrada.

Dimas que desconhecia isto que se chama medo, determinou reunir-se com os ladrões do rochedo dizendo: se me aceitarem eu faço a fortuna cêdo.

Na tarde do outro dia chegou ao pé da montanha até ali ninguém tinha tido idéa tão extranha; Dimas dizia a si mesmo: --quem não se arrisca não ganha.

Na sua arriscada marcha duplicava o desespero, subindo pedra mais pedra vencendo despenhadeiro cançado parou defronte dum grande desfiladeiro.

Parando viu de mais perto uma fortaleza esquizita as portas fechadas e pretas símbolo de sua desdita pelos sinais parecia, uma habitação maldita.

Dimas que a nada temia usou da sua destreza, botou uma pedra na fundação jogou-a na fortaleza dizendo se tiver gente, tem de sair, com certeza.

Três vezes fez a manobra
sem obter resultado,
não tinha gente o castelo
já tinham se retirado
disse Dimas; hoje mesmo,
talvez eu fique arrumado.

Porque se os ladrões saíram
e deixaram a bolça atôa,
eu roubo o dinheiro deles
já vi que parada boa
que um ladrão que rouba outro
não é crime Deus perdôa.

Dirigiu-se ao castelo
solitario e pavoroso,
bateu na porta três vezes
com força e bem corajoso
não apareceu ninguém,
naquele abismo assombroso.

Com o punhal entre os dentes
olhou para a imensidade,
destinou subir no muro
cheio de escabrosidade
tudo ali apresentava,
grande dificuldade.

Ele não teve receio de dirigir novos passos, naqueles duros rochedos ferindo as mãos e os braços se ele de lá caísse, não se contava os pedaços.

Tanto ele fez que chegou na plataforma do muro, tinha passado o perigo já se achava seguro o solitário castelo, estava silencio e escuro.

Penetrou nos corredores da habitação solitaria, correndo sala por sala cada qual mais temeraria e nada de achar a bolça, que era mais necessaria.

Penetrou no ultimo quarto justamente era a cosinha, repleta de mantimentos todo provimento tinha ele estimou o achado, que com muita fome viaha.

Em menos de uma hora
aprontou a refeição,
sentou-se e foi-se servindo
com toda satisfação
como que ali não houvesse
nenhuma contradição.

No meio da refeição
ouve um certo rangido,
viado do centro da terra
aquele grande alarido
Dimas não tinha receio,
nem se tornava tímido.

Mais tarde pareceu, que
destrancaram o cadeado,
tornou-se o ruído forte
e muito mais celerado
nada disto fez com que,
Dimas ficasse vexado.

Junto d'onde ele estava
um alçapão se abriu,
ao mesmo tempo um homem
botou as mãos e saiu
virou-se rapidamente,
tanto que Dimas não viu.

Deu a mão a outro mais
 que junto com ele vinha,
 e assim saíram quatorze
 para dentro da cozinha
 Dimas jantando tranquilo,
 vexame ainda não tinha.

O assombro dos ladrões
 dessa vez foi sem igual,
 olharam bem para Dimas
 com uma furia infernal
 foram se cercando dele,
 cada um com seu punhal.

Dimas falou com voz firme
 fazendo saber quem era,
 --tenha mão seja quem for
 demore um pouquinho; espera
 que um lobo não fere outro,
 que tudo é a mesma féra.

Saiba que a ingratidão
 é uma falta desmedida,
 já poupei vosso trabalho
 preparei toda comida
 e em paga do serviço
 querem me tirar a vida?

Eles ficaram indecisos quando viram essa passagem, um homem só entre tantos falar com tanta coragem jamais se viu tanto animo naquela estranha paragem.

Disse um dos tais: não lhe toque como quem se interessava, justamente o capitão que aos outros todos mandava perguntou ele quem era, e ali que procurava.

Responde: chamo-me Dimas quero ser seu companheiro, contanto que também tenha direito a ganhar dinheiro mas antes de tudo, quero, de si um favor primeiro.

E antes que me pergunte desde já fique ciente, quero vinte onças romanas isto impreterivelmente respondeu um dos ladrões; --está doudo inteiramente.

--Devia ter dito antes
de lhe fazer o pedido,
para que quero o dinheiro
e seu destino devido
se sentem para ouvirem
o que me tem sucedido.

Em poucos minutos Dimas
disse o que lhe succedeu,
contou a morte do pai
e tambem do farissu
da compra do punhal,
e do juramento que deu.

Disse que seu pai morreu
e foi privado da cova,
e por ele juro vingar
antes da lua ser nova.
disse o capitão: eu creio
sem carecer de mais prova.

Já ouvi que tua historia
está muito bem narrada,
pega dinheiro de sobra
já não te falta mais nada
vai pagar ao cutileiro,
que a tua divida é sagrada.

Se te esqueceres de mim
serei teu perseguidor,
o meu nome é Abadom
o anjo exterminador
protejo, dou o castigo
a quem é merecedor.

— Obrigado meu amigo
não protejes um ingrato,
saberei provar mais tarde
o quanto serei exato
amigo de confiança,
respeitador de bom trato.

Jamais vos esquecerei
deixe-me agora seguir,
brevemente a tua é nova
é necessário partir
mas antes de tudo diga-me,
por onde é que eu devo ir.

O chefe disse a Uriz:
— siga com ele também,
ensine a ele o caminho
o mais comprido que tem
até sair na estrada,
que vai a Jerusalem.

Uriz deu um passo em frente
e abriu um alçapão,
desapareceu mais Dimas
sem luz, na escuridão
assim mais duma hora,
para encurtar-se a razão.

—A paz de Deus te acompanhe!
 disse Uriz: me ajuda aqui, e
 vira esta pedra um pouco
 preciso agora de ti.
 tiraram a pedra e botaram,
 devido ela dar de si.

Continuaram a viagem
 pelo rochedo escarpado,
 a lua estava esplendida
 com seus raios prateados
 as quatro da madrugada,
 disse Úriz; somos chegados.

—A paz de Deus te acompanhe!
 desculpa o mau companheiro!
 —outro tanto disse Dimas
 vou a casa do armeiro
 volto no sétimo dia,
 verás como sou certo.

Seguiu no mesmo roteiro
 da mesma forma que estava,
 na tarde do outro dia
 chegou onde desejava
 na baixa de Jerusalem,
 onde o armeiro morava.

O armeiro estava em casa
 muito longe de pensar,
 que Dimas naquele dia
 havia de lhe pagar
 quando de subito ouviu,
 de fóra uma voz saudar.

- Seja a paz de Deus contigo
assim a vóz lhe dizia,
vim te pagar um punhal
que te comprei outro dia
a lembrança de meu pai,
eu vos dei por garantia.

Disse o armeiro: eu me lembro
que outro dia vendi,
um punhal a um rapaz
até julguei que perdi
--te enganas-- lhe disse Dimas
meu juramento eu cumpri.

As vinte onças romanas
estão aqui seriamente,
foi tirando e entregando-as
logo ali juntamente
dizendo: graças a Deus,
quem jura serio não mente.

Disse o armeiro: desculpa
eu de ti desconfiar,
sem duvida herdasses de alguém
é o que posso julgar
disse Dimas; minha vida,
eu não te posso contar.

Depois de assim ter feito
seguiu então a procura,
da vala dos desvalidos
vê se inda tinha ventura
de achar os ossos do pai
para dar-lhe sepultura.

Foi impossível encontrar
aqueles restos mortais,
já tinham-se estraviados
na preza dos animais
Dimas procurava em vão,
chorava cada vez mais.

--Ali passou muitas horas
em buscas minuciosas,
pelas faces lhe corriam
duas lágrimas dolorosas
frutos dos filhos modelos,
nas estradas tortuosas.

--Meu idolatrado pai!
ouve teu filho querido,
p'ra que não te manifestas
p'ra consolar meu gemido!...
acalma a dôr de quem chora,
um objeto perdido!...

Durante a tua vida
sempre velasses por mim,
eu seguia vossos passos
não quiz Deus que fosse assim
roga a Deus pelo teu filho,
que o meu tormento é sem fim!...

Já sepultei os teus ossos
nesse asqueroso recinto,
eu choro por não poder
dar lhe um jazigo distinto
essa dôr me dilacera
e eternamente a sinto.

Destinou desenterrar
o corpo do fariseu,
que estava sepultado
em um rico manzoleu
para os animais também,
deverarem o corpo seu.

--- Por tua causa teu sangue
minhas mãos estão manchadas,
será minha vida infame
em sangue minhas passadas,
meu corpo feito em pedaços,
exposto pelas estradas.

A minha morte na cruz
por minha condenação,
só tú velho, és o culpado
polo teu mau coração
maldito, seja maldito,
até a decima geração.

A quem tivesse de parte
causava admiração,
vendo Dimas sem alento
soltando essa maldição
deu-lhe um desmaio
perdendo de tudo a ação.

Esteve assim um certo tempo
tornou e disse consigo:
--eu não profano o corpo
do fariseu no jazigo
velhos meninos e mortos,
contarão sempre comigo

Matei-o porem respeito
o seu cadaver indesejo,
ainda que ele arruou
meu pai em tanto desprezo
sofrerei sem ter descanço,
eternamente esse peso.

Dai então só faltava
seguir para o monte Hebal,
na tarde do setimo dia
já estava nele final
provando ao chefe que era,
firme constante e leal.

Chegou foi bem recebido
ficou na sociedade,
todos os salteadores
lhe tinham plena amizade
graças a sua coragem,
energia e mocidade.

Abadom chefe de todos
e capitão da companhia,
nunca mais tinha amado alguem
porem depois de esse dia
chamava Dimas, meu filho,
com amor e simpatia.

Dimas era bem letrado
versado nas escrituras,
na luta ele enfrentava
as mais horrendas bravuras
tinha animo e muita força,
nas suas musculaturas,

Afinal Dimas ficou de todos simpatisado, quizeram mudar-lhe o nome dando outro mais elevado em vez de Dimas, David, que significa amado.

Fizeram tudo porem ele não obedeceu, lembrando-se das caricias que do seu pai recebeu disse ao chefe: o melhor nome, é o que meu pai me deu.

Dias depois os ladrões souberam por um espião que no vale da cordilheira acampou naquele dia uma rica caravana, e muitas joias trazia.

Abadom determinou atacar os passageiros, e para tal fim seguiu junto com seus companheiros a meia noite já tinham descido os despenhadeiros.

Uriz, como astuto e pratico e planos mais acertados, disse ao chefe: eu vou ver se dormem ou estão acordados se são muitos, ou se são poucos e onde estão acampados.

Seguiu e voltou dizendo :
--- parece que está sem geito,
dorme tudo a sono solto
mas eu notei a preceito
que os soldados romanos,
estão lá de ponto feito.

Cada um por si, pensava
o que devia fazer,
disse Dimas : vamos logo
sucedá o que suceder
quem não arrisca não ganha,
tambem não sabe perder.

---Está certo : disse Abadom
seguiram desesperados,
atacaram os passageiros
logo por todos os lados
os viajantes correram.
ficaram só tres soldados.

Travou-se uma luta horrenda
na qual se acabaram seis ;
mataram os tres soldados
dos ladrões morreram tres
até o chefe Abadom,
tambem morreu desta vez.

Depois da luta já finda
os ladrões determinaram,
a carregar os camelos
com as cargas que tomaram
com a ganancia das cargas
com nada mais se importaram.

--Não é assim --disse Dimas--
cumprimos o nosso dever e ninguém
vamos enterrar os mortos --
fazer desaparecer os a obter
os vestígios da derrota,
que acabamos de fazer.

Todos foram de acordo
se cumprir essa missão em três
horas depois os mortos que
jaziam no frio chão : assim
e Dimas no outono, um
promovido a capitão.

Antes de ser capitão
obrigou tudo a jurar :
como respeitavam os velhos
e a ninguém maltratar
e havendo tempo de sobra,
aos mortos enterrar.

Só assim Dimas ficou
por capitão dos três,
depois que todos juraram
cumprir estas missões
que antes eles não tinham,
estas santas intenções.

Três dias depois tiveram
noticias interessantes,
que do Egito passavam
diversos negociantes
com bastante prata e ouro
muitas joias importantes.

Dimas determinou logo
com acertada emboscada,
nesse dia eles perderam
inteiramente a caçada
eles ficaram chamando
uma empreza mal lograda.

Porque quando eles estavam
esperando empiqueados,
Uriz um outro vigia
bradou: estamos logrados
e os nossos viajantes,
estão presos pelos soldados.

Dizem que em Jerusalém
chegaram a muitos dias,
os tres reis que vieram
em procura do Messias
sendo assim já estão completas,
as divinas profecias.

Herodes então mandou
prender todos os passageiros,
para ver se nesse meio
prendia os reis estrangeiros
e os nossos viajantes,
já foram prisioneiros.

Dimas ficou impassivel
vendo que estava sem geito,
exclamou tempo perdido
estou muito mal satisfeito
não há quem se satisfaça,
com trabalho sem proveito.

Voltou com seus companheiros
menos Uriz e Adão,
que foram atraz dos viajantes
para verem a decisão
a noite era tenebrosa,
de chuva, vento e trovão.

Quando eles iam passando
em um rochêdo apertado,
sentiram um certo tropel
que vinha do outro lado
os ladrões se acautelaram
temendo um má resultado.

Para o lado que eles estavam
apareceu no momento,
um veneravel ancião,
com um manto pardacento
vencendo a temeridade,
de chuva, trovão e vento.

Sustentava o velho, ás redess
daquela cavalgadura,
na qual vinha uma mulher
moça de bôa estatura
uma creança nos braços,
cheia de graça e candura.

Pelas feições parecia
que vinha muito cherosa,
alem dos grandes tormentos
nessa noite tenebrosa
Dimas gritou ; para, ou morre,
com uma voz horrorosa.

Era a familia sagrada
a quem Dimas dirigia,
aquelas duras palavras
com tão grande tirania
ameaçando matar,
Jesus, José e Maria.

Dimas depois que falou
de repente appareceu,
e S. José recuou
e a Virgem estremeceu
julgando que aquelle homem
matava o filhinho seu.

Quando os viajantes viram
já estavam rodeados,
com os outros que faltavam
vindo por todos os lados
com os punhaes assassinos
para eles apontados.

S. José disse ao primeiro
incluindo os outros mais :
---que mal vos fez esta pobre
que vós outros ameaçaes ?
por vida dela e seu filho,
suspendei vossos punhaes.

---Tens muita razão meu velho---
respondeu uma voz forte,--
qualquer um que te ofender
tem de psgrar com a morte
não tem este nem aquelle,
é o que cair por sorte.

Era Dimas certamente
que taes palavras dizia :
---desculpe eu ter falado
com tão grande tirania
essas vossas barbas brancas,
vos dão toda garantia.

Tranquiliza esta mulher
que está desfalecida,
estreitando o seu filhinho
tão temerosa e timida
qualquer um que ofendê-la,
tem de pagar com a vida.

Não sei como esta mulher
anda com tanto perigo,
nesta noite temeraria
sem capa e sem abrigo
nisso lhe deu uma capa
que ele trazia comsigo.

---Esta capa é muito quente
lhe dar mas força e alento,
S. José reconhecendo
deu lhe o agradecimento
dizendo : Deus recompense
o vosso merecimento.

---Agora é bom que demore
disse Dimas novamente
vamos até o meu castelo
até que o tempo esquente
dois ou tres dias querendo
não é um dia somente.

O santo oferecimento
os viajantes aceitaram,
seguiram junto com Dimas
e os mais acompanharam
como a distancia era perto,
em pouco tempo chegaram.

Dimas mandou que os ladrões
fizessem um fogo ligeiro,
ordenou que os viajantes
se aquentassem primeiro
dizendo quem está em casa,
se serve por derradeiro.

Mandou fazer para eles
uma ceia sublimada,
preparou mais duas camas
numa sala reservada
para eles descansarem,
as fadigas da jornada.

Depois de os ter servido
com todo zelo e carinho,
olhou para els e disse:
--dai-me o teu pequenininho
para que eu dê um beijo,
nas faces do teu filhinho.

A Virgem deu-lhe o menino
alvo dos olhos azues
Dimas beijou-o nas faces
sem saber que era Jesus
sentiu uma comoção,
fruto da divina luz.

Quando foi se agazalhar
disse aos outros eu não sei,
a sublime comoção
no peito experimentei
arêjo um ar suavíssimo
como eu nunca arejei.

Foi dormir porem não pôde
estava tão em desatino,
pensando naquele ato
que para ele era divino
p'ra todo lugar que olhava,
estava vendo o menino.

No outro dia seguinte
Dimas foi bem recebido,
pelos santos viajantes
e tudo assim comovido
olhava para o menino,
como quem estava atraído,

Destinou fazer p'ra eles
um bom almoço impagavel,
depois disse agora vamos
vêr cousa mais sgradavel
o ar livre da montanha.
que é fresco e muito saudavel.

Subiram em uma esplanada
que neste castelo havia,
na verdade o vento ali
soprava com primazia
não tinha sinal de chuva,
estava mui claro o dia.

Dimas, fitou o menino
continuou sempre olhando,
na mesma esplanada estava
umas ovelhas pastando
Dimas pegou o menino,
e disse assim gracejando:

--Estais vendo aquela ovelha?
aquele rebanho é meu,
e aquele cordeiro branco
eu vos ofereço, é teu;
em memoria da hospedagem,
que o salteador te deu.

Nisto o menino sorriu
como quem compreendia,
as palavras que o ladrão
tão comovido dizia
e acariciou-lhe as barbas,
em sinal que agradecia.

A terna virgem chorava
vendo tanta piedade,
naquele homem perdido
pelo crime e a maldade
pensava no seu filhinho,
tanta ternura e bondade.

S. José disse; devias
mudares de condição,
uma vez que inda tens
caridade e compaixão
deixa o crime que arroja,
na horrivel perdição.

Pratistou Dimas dizendo;
--meu ancião respeitavel,
eu era bom, mas os homens
fizeram eu ser miseravel
para meu mal não tem cura,
é tarde está incuravel.

Demoraram os viajantes
até o sol esconder,
era hora da viagem
Dimas então mandou ver
a jumentinha onde estava,
cumprindo mais um dever.

Estava chegando a hora
da dolorosa partida,
Dimas pegou o menino
ainda por despedida
enquanto a Virgem montava,
na jumentinha querida.

Durante os poucos minutos
que a viajante aprumava,
Jesus tambem no pescoço
de Dimas, se abraçava
Dimas ouvia uma voz,
divina que lhe falava.

As vozes diziam assim;
--com uma harmonia infinda,
a tua morte será
gloriosissima e linda
e terminava dizendo,
morrerás comigo ainda.

Essa santa profecia
inda havia de cumprir-se,
Dimas ficou sem alento
quando a vóz assim lhe disse
entregou o menino antes,
que do braço lhe caisse.

E a Virgem recebeu
o seu tesouro sagrado,
se despedindo de Dimas
que estava impressionado
cheio de mil pensamentos,
chorando desconsolado.

E quando os raios do sol
dos montes se separaram,
os companheiros de Dimas
novamente ali chegaram
para atacarem os viajantes,
novas medidas tomaram.

Dimas que para tal fim
sempre estava prevenido,
olhava na direção
que o menino tinha ido
exclamou com vóz firme,
como quem está convertido:

-- Ó menino formosíssimo
entre toda geração,
se eu precisar algum dia
ter a vossa proteção
por vossa misericórdia,
tende de mim compaixão.

Mas com tudo o bom ladrão
não deixou de ser quem era,
passasse lá quem passasse
sempre ele estava de espera,
tudo temia o assalto,
daquela medonha fera.

Trinta e três anos depois
Jesus foi crucificado,
justamente o bom ladrão
foi preso e sentenciado
para morrer mais Jesus,
já estava profetizado.

Entre dois ladrões ferozes
crucificaram a Jesus;
os quais eram Gesta e Dimas
cada qual na sua cruz
Gesta perdeu-se porque,
zombou da divina luz.

Estando Jesus crucificado
ouviu dum lado uma voz,
era Gesta que falava
desesperado e feroz
dizendo; se és o Cristo,
salva-te a ti e a nós.

Dimas que estava a direita
do cordeiro paciente,
ouvia o que Gesta dizia
repreendeu seriamente
dizendo: nós dois devemos,
mas ele está inocente.

Lembrando-se dos seus feitos
antes de ver o seu fim,
arrependeu-se de tudo
e disse á Jesus assim:
—lá em vosso paraíso,
lembra-te senhor de mim.

Estava chegando o tempo
profetizado e preciso,
e Jesus recompensado
e cheio de graça e riso
respondeu hoje entrarás,
comigo no paraíso!

Minutos depois Jesus
por nós na cruz faleceu,
Dimas do lado direito
dessa vez tabem morreu
Dimas morreu e salvou-se
Gesta foi quem se perdeu.

Terminei a minha historia
quem a ler não se enfada,
vá lendo e vá vacilando
veja se está bem versada
verá a biografia,
de Dimas sem faltar nada.

T. IV

Fim-Recife, 6-9-948

Preço 3 Cruzeiros

Não deixe de lêr :

O Marco do meio Mundo

A Filha do Bandoleiro

A Princesa sem coração

O Príncipe Encantado

Nobreza de um Ladrão

Um Casamento Infeliz

Côco Verde e Melancia

1.170
Vitt 242, 753, 1754

**A venda na casa Athayde
na rua dos Pescadores, 57**

Remete-se pelo correio qualquer quantidade de livros mediante a importancia do pedido para qualquer estado do Brasil.

**A Pernambucana
DE NIGRO A. SILVA**

Livros, romances e modinhas dos mais conhecidos e aplaudidos autores brasileiros. Deposito permanente dos livros do trovador popular João Martins de Athayde. Grandes descontos aos revendedores

Mercado Modelo n. 158--Baía

Distribuidor exclusivo das publicações de João Martins de Athayde: Perfumaria Minerva Rua Frei Miguelinho, n. 87 Natal-Rio Grande do Norte. Hygino Aguiar Perfumista

Tambem á venda na rua Japeratúba, 737
Aracajá--Marcelino de S. Bittencourt

Á Venda no Mercado de Cereaes
Banca, nº 86 Fortaleza Ceará.
